



## MEMÓRIA, DESCOLONIZAÇÃO E ASSUNÇÃO DO SUJEITO AMAZÔNICO NA LITERATURA

Oswaldo Copertino Duarte<sup>i</sup>  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Liliane Pereira Soares do Nascimento<sup>ii</sup>  
Instituto Federal de Rondônia (IFRO)

Maria Helena Medeiros do Nascimento<sup>iii</sup>  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

### RESUMO

Este artigo toma, à maneira de exemplo, a obra do poeta José Calixto de Medeiros (1928-1998) para discutir a relação entre literatura, história e descolonização na Amazônia. Para isso, destaca alguns pontos da obra e do ambiente em que foi produzida, tendo como argumento o fato de o poeta ser um dos representantes da literatura rondoniense da década de 1980, período em que se inicia um intenso movimento de publicação, envolvendo autores rondonienses ou já aclimatados, e escritores que, tendo iniciado sua produção em outras regiões do país, integraram o grande contingente de migrantes que se fixaram em Rondônia durante aquela década. O objetivo é mostrar como o poeta combina aspectos da memória e representação para poetizar sobre a natureza e, ao mesmo tempo, a ocupação da Amazônia.

**Palavras-chave:** Literatura. Identidade amazônica. Descolonização.

### MEMORY, DECOLONIZATION AND ASSUMPTION OF THE AMAZONIAN SUBJECT IN LITERATURE

### ABSTRACT

This article presents the poet José Calixto de Medeiros (1928-1998), highlighting some points of his work and of the context in which it was produced. The poet is one of the representatives of the literature of the state of Rondônia during the 1980s, a period in which an intense publication movement began, involving authors from Rondônia or those already acclimated, and writers, who, starting their production in other regions of the country, integrated the large contingent of migrants who settled in Rondônia during that decade. The aim is to show how the poet combines aspects of memory and representation to sing nature and, at the same time, the occupation of the Amazonia.

**Keywords:** Literature. Amazonian identity. Decolonization.

## Introdução

Rondônia se caracteriza culturalmente pelo hibridismo, resultado dos diversos ciclos migratórios vividos pela região, desde o meado do século XIX, passando pelo grande contingente de trabalhadores contratados e outros serviçais deslocados para esse território no período da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, até o apogeu migratório dos anos de 1970 a 1990, período em que são acrescentados à população do estado mais de um milhão de migrantes.

A heterogeneidade cultural dos migrantes, dentre os quais o maior contingente era de lavradores oriundos das diversas regiões do país, o isolamento de algumas comunidades, o baixo nível de escolaridade da população que se formava, o insulamento do estado em relação aos centros culturais do país, tudo contribuiu para o hibridismo que, ainda hoje, distingue gostos, comportamentos, visões de mundo do mosaico cultural amazônico, que se reparte e ao mesmo tempo se mistura de maneiras, e, às vezes, em maneirismos, resultantes de representações conflituosas de diferentes espacialidades e temporalidades.

Assim, se a produção artística exige, senão a regularidade de costumes, alguma estabilidade social e cultural, parece compreensível que no período de desbravamento mais denso em que predomina um

comportamento semelhante ao que Sérgio Buarque de Holanda (1975) chama de aventureiro, só tenha existido o que podemos chamar de “literatura de arranque”, como é, em todo caso, o papel dos pioneiros. É nesse sentido que nos referimos ao historiador de *Raízes do Brasil*, retomando uma referência ao sociólogo italiano Vilfredo Pareto, que cria as figuras do estrategista e do aventureiro para explicar o processo de formação histórica e econômica do Brasil. Argumenta que os contextos de colonização solicitam grandes gestos, façanhas audaciosas, possíveis apenas aos homens que agem pela necessidade de realização: seriam os desbravadores. Aos estrategistas, homens mais **106** bem aparelhados e ulteriores aos aventureiros, restaria o papel de empreendedor metódico das ideias. Essa, enfim, seria a atribuição dos escritores e produtores de cultura de hoje.

Isso posto, pode-se dimensionar com naturalidade o possível estado primário das manifestações estéticas em Rondônia nos períodos de ocupação, mesmo que a capital do estado exibisse, depois de quase um século de existência, alguns luxos da vida urbana. Não se quer dizer que entre os milhares de migrantes que se dirigiam para Rondônia não houvesse um ou outro com talento para as letras, ou que o estro literário não pudesse já residir por essas terras. Argumenta-se que o isolamento cultural e o modo de vida devotado ao trabalho — exigido pela região amazônica naquele momento —

talvez não permitisse um comportamento disseminador de cultura estética ou aquele ócio criativo que a inventividade artística impõe. Por isso, parece compreensível que as tentativas de expressão literária, então produzidas, se afiliassem às ideias e formas mais conservadoras das nossas letras. Daí os modelos continuarem sendo, por muito tempo, a literatura dos velhos manuais ginasianos, em sua versão simplificadora. Sente-se na voz de alguns desses escritores – Alkindar Brasil de Arouca, José Valdir Pereira, Bolívar Marcelino, Matias Mendes, entre outros –, alguns deles nascidos quando a poesia brasileira já atingira padrão modernissimamente universal, uma impostação da voz poética do século XIX, que nos melhores casos apenas se avizinha dos pré-modernistas de 1900.

Num completo descompasso com relação à literatura nacional do seu tempo, os autores rondonienses, com raríssimas exceções, entendiam a sua arte como sinônimo de expressão emotiva, decaindo quase sempre para os encômios, a memória, as circunstâncias hodiernas e o espaço natural. Quanto aos recém-chegados, sua cultura, suas imagens de mundo, suas referências, permaneciam, em regra, as das localidades de origem, sem identificação alguma com os valores da terra que os acolhia e sem um ambiente cultural que lhes favorecessem.

É neste contexto e sob esse aspecto que nos interessa discutir a obra de José Calixto de

Medeiros (1928-1998), refletindo se se trata de uma daquelas produções cujo destino se encaminha para o esquecimento ou se poderia sustentar-se estética ou historicamente. E dado que não, que fatores justificariam o esforço de um estudo nesse sentido, além do mero registro histórico ou o ajuste de contas terminativo com o passado.

É certo que a obra de Calixto mantém estreita relação com a natureza e com a cultura amazônica. Mas é possível dizer também que o escritor se apresenta menos como um autor interessado em criar imagens e representações do que como um personagem que observa o seu entorno e o exprime de acordo com o seu mundo interior. Sem a pretensão de agir sobre a literatura em si, parece interessado apenas em compor um registro emocionado da existência. Entre a expressão e os sentimentos, sobressaem, via de regra, os sentimentos, porque esse é o seu conceito de arte literária.

Mesmo assim, e à maneira de uma equação matemática, cujo processo impõe-se como necessário à consecução de um problema, nos propomos a trazer à luz o poeta e a sua obra, que podem ter sido obliterados pela sucessão vertiginosa de mudanças pelas quais Rondônia passou nas últimas décadas. Essas mudanças, comandadas de fora para dentro, foram responsáveis por desconectar as estruturas originárias da cultura local, lançando os autores mais tradicionais ao esquecimento e acentuando

o que, na visão do sistema cultural dominante, seria o seu caráter periférico.

A consciência sobre esse *modus operandi* da cultura dominante é tomada aqui como motivadora de hipótese sobre as possíveis causas da obliteração da obra do autor referido, dado que não há ainda estudos de interesse sobre ela. Tal consciência tem sido tomada também como motivação para reações de descolonização (PANSINI, NENEVÉ, 2008), que, na esteira de Fanon (1970, p. 27), sugerem levar à “criação de homens novos”, atentos ao cultivo e à valorização da memória. Em ambos os sentidos caberia aqui o termo *descolonizar*, entendido — no caso específico da literatura de Rondônia — como inventariar, analisar, trazer à luz aquelas vozes que, por razões diversas, teriam submergido sob a ação do tempo e do espaço modulados por dispositivos de outra cultura.

A necessidade de inventariar, se manifesta, portanto, como empenho de autoafirmação adotado pelos primeiros estudos interessados em reunir, em perspectiva historiográfica, a produção literária de Rondônia: são eles, *Síntese da Literatura de Rondônia* (1984) de Matias Mendes e Eunice Bueno e *Literatura de Rondônia* (1987) de Jorge Badra, ambos intimamente comprometidos com o intuito de reclamar a expressão de uma identidade. Depois desses livros inaugurais, o primeiro, portador de um conceito generalista de literatura como produção escrita vinculada a

Rondônia, e o segundo, tecnicamente mais aparelhado, o quadro historiográfico parecia se completar após quase três décadas de espera, com a tese de doutoramento *A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias nos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim-RO* (2016), de Auxiliadora dos Santos Pinto. O estudo, contudo, apesar de alentado, opta pelo conceito de literatura aplicado por Mendes e Bueno (1984), o que justifica a opção por alguns autores e o interesse mais pela interface do que pela dialética entre literatura e cultura. Seu objeto é a história da cultura através dos textos, ainda que de permeio, esquadrinhe autores e relacione obras. 108

Apesar do esforço dessas leituras de conjunto, ainda falta uma abordagem criticamente empenhada, que pense a literatura a partir do seu valor, sem distinguir os autores (nativos, aclimatados, recém-chegados), e disposta a tomar as obras que seriam seu objeto central com o rigor devido, pondo-as par-a-par, com o sistema literário nacional. Enquanto isso não acontece, repete-se a indefinição de que “muitos contribuíram para a história literária e cultural de Rondônia” (PINTO 2016), insistindo-se em firmar Vespasiano Ramos como marco fundador, mesmo que o vínculo desse romântico tardio com a história cultural rondoniense se resume a um artifício destinado apenas a

assegurar um marco mais ou menos nobre para a gênese dessa literatura, já que o fato de o escritor ter falecido em Porto Velho não passa de coincidência, transformada, com o tempo, em fato pitoresco relevante para uma região carente de novidades. Fato curioso, aliás, a defesa dessa precedência, na medida em que se verifica que um coetâneo de Ramos, Alkindar Brasil de Arouca, mesmo não tendo publicado em livro, foi autor profícuo e assíduo nos jornais da região por um período de mais ou menos trinta anos.

Esses e outros descompassos podem ser justificados pelo caráter inorgânico da literatura e da cultura local apontado por Badra (1987), aspecto possivelmente condicionado, de início, pelo isolamento geográfico, depois, pelo grande fluxo migratório, e, ato contínuo, pela inexistência de uma cultura literária. Hoje, decorridos trinta anos desde o pronunciamento de Badra, poder-se-ia dizer que persiste a inorganicidade e que a literatura de Rondônia, apesar de um pouco mais robusta, não se inseriu no sistema literário mais amplo, como se um sentimento de dependência e ao mesmo tempo de recusa ao que não é local a mantivesse ancorada às voltas dos seus símbolos históricos de unidade como a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e o Forte Príncipe da Beira, imagens que impregnam a vida, removem a história e obsedam a expressão. Símbolos vivos que parecem corporificar um tempo que já não se vive, uma espécie de ancestral ou divindade inquestionável

a toda gente e jaz incrustada no imaginário, como um totem.

A inorganicidade, contudo, poderá ser uma virtude se tomada como síntese (inorgânica) de tendências universalistas e particularistas. Tomemos como exemplo a relação entre as décadas de 1970-1980 e a de 1990, tendo predominado na primeira a temática do ufanismo aos símbolos locais e à natureza, e, tendo lugar, na última, a reação do “Movimento Madeirista”, uma ação irônica contra o discurso autóctone que se dizia guardião e representante da cultura local e de tudo que se denominasse regional.

Assim como a inorganicidade da tendência localista, a literatura produzida pelo **109** madeirismo só raramente faz valer as ideias do manifesto. Com a exceção a um ou outro momento de real brilhantismo, imperam ideias e práticas usuais e já gastas. Fato, inequívoco, contudo, é que mesmo assim essa produção poderia parecer escandalosa se comparada à literatura que se queria representadora de Rondônia, cujos modelos eram a saliência extemporânea de uma ideia romântica de literatura como veículo de emoção inspirada. Apenas por isso, o Manifesto e os seus gracejos foram capazes de provocar sentimentos contrários: de um lado a ilusão revolucionária, de outro, uma velada, mas raivosa xenofobia. Em brados de fúria, mesmo que em fúria simulada, o manifesto exigia a quebra do silêncio. Caldas (2002, p.5), num texto intitulado *Picaretagem*

*quase crítica*, alude a “uma resistência ignorante, sem métodos, sem teoria, sem obras reais e de valor; sem possibilidade de uma resposta satisfatória” a qualquer tentativa de crítica.

Visão paralela, mas sem rumor e alarde, é expressa por Duarte (2008) num relatório de pesquisa realizado com o auxílio do CNPq:

[...] quando se trata dos autores mais antigos, uma incipiente e às vezes ingênua visão do ofício literário (é o que se mostra), de maneira que em nada se parece ou mesmo a aproxima daqueles autores ou literatura já inseridos no sistema literário nacional. Não há nela também traços de uma cultura regional, mesmo porque esses traços inexistiam, visto ter sido produzida num contexto de intensa migração. Embora se trate de uma literatura cidadina, é ao mesmo tempo provinciana; urbana e culta, mas periférica, se considerada ao lado da literatura nacional (DUARTE, 2008).

Segundo esse autor, só recentemente, incluindo-se aí o próprio Caldas, “é possível perceber uma tendência, se não nova, mais informada esteticamente e, de certo modo, com alguns pontos de conexão com o sistema geral da literatura” (DUARTE, 2008).

Ainda sobre a ideia de *valorização*, lembramos Mary Louise Pratt (1992), que discute a importância de “descolonizar o conhecimento”, ato consciente que se implementaria pela atenção às vozes subalternas e aos seus saberes, sem a costumeira submissão à ótica externa. A escuta dessas vozes, segundo a autora, romperia a lógica da noção de “colônia”, isto é, o lugar onde se aceita a ideia de que o

bom e o útil é aquilo que vem de fora. É nesse sentido que Nenevé (2001, p. 99-109), em *O olhar norte-americano sobre a Amazônia na década de 90: uma análise The Burning Season de A. Revkin e The World is Burning de A. Shoumatoff*, questiona a fragilidade teórica e conceitual de posições pré-concebidas sobre a região Norte. E não é outra concepção de Terry Eagleton, em *A ideia de Cultura*, ao afirmar que à maneira de outras formas de poder, a chamada “alta cultura apresenta-se [...] como uma forma de persuasão moral”, cujo “efeito é o de intimidar assim como inspirar” (EAGLETON, 2005, p.83).

Vale dizer, então, que mesmo tendo apenas cem anos de organização e sendo esse **110** tempo um *continuum* de desbravamento, Rondônia guarda uma memória que se adensa e tende a se descolonizar. E só a partir de uma visão portadora desse conhecimento será possível abrir caminhos novos, sem os estereótipos pitorescos arraigados na ideia de Amazônia como lugar distante e, portanto, condenado a ser visto também à distância. Um caminho talvez sem conflitos é, como sugerem Flávia Pansini e Miguel Nenevé (2008, p 20), a valorização do convívio multicultural capaz de repensar o “posicionamento [...] canônico” e por vezes “intolerante a outras culturas [...], outras literaturas que não aquelas” chanceladas pelo cânone ocidental.

Está claro, portanto, que se a história e a memória foram rasuradas pelo colonizador, é



necessária a sua revalorização, mesmo que – não servindo para reposicionar a literatura –, atue como reconhecimento de um passado, e desde que o discurso de revalorização não seja, como alerta Spivak (2010, p. 12), resultado da cumplicidade de vozes intelectuais que julgam “poder falar pelo outro”, reproduzindo “as estruturas de poder e opressão” que mantêm o subalterno silenciado.

Diga-se, também, que se a memória de um povo depende da valorização que se dê à sua história, no presente caso interessa a compreensão dos traços amazônicos manifestos na obra de Calixto (1984), se acaso levarem a uma percepção mais ampla e talvez original com relação àquela já cristalizada pelo olhar imperativo que o centro sempre deitou sobre a periferia. De todo modo, a simples apresentação de Calixto e de sua obra já nos parece um ato valorativo sobre a cultura rondoniense e um estímulo ao pensamento em prol da descolonização. Por outro lado, a obra submeteu-se ao crivo da crítica, cuja ação — em Rondônia — sempre gerou algum tipo de furor nas hostes de Érato. É sob esse aspecto, passando pela crítica e pela história literária (como disciplinas dos estudos letrados) e pela necessidade de revisão da história da literatura local, que propomos uma leitura do livro *Lâminas de Silêncio* (1984) de José Calixto. Toma-se, contudo, apenas alguns versos, um extrato do que nos parece representativo das características

de toda a obra do autor, entendendo-se também que essa obra seria representativa da literatura rondoniense do período em questão. E se tomamos José Calixto de Medeiros como exemplo, é porque este artigo acaba por revolver papéis e versões históricas que se iam cristalizando, e esse autor, sem razão que se possa explicar objetivamente, está ausente dos três estudos historiográficos acima citados, apesar de ter ocupado lugar de destaque no meio cultural e literário de Rondônia.

José Calixto foi um homem de cultura, se considerado à luz dos padrões regionais do seu tempo. Integrou a Academia de Letras de Rondônia, vindo a ser seu Presidente, e publicou 111 poesia: *Oração do Sol* (1981), *Lâminas de Silêncio* (1984), *Sentinelas da Estrada* (1988); contos, *Tatiana* (1990), *Crepúsculo no Rio* (1993); crônica, *Catedral do Tempo* (1987) e *Verde Vida* (1988) e deixou inédito o romance autobiográfico *Tempos de outros tempos*.

É poeta de temática variada e sem um timbre estilístico. E, mesmo lhe faltando o necessário distanciamento crítico dos fatos, acabou por referir-se às ações decorrentes do processo de colonização da Amazônia, intuindo que a ocupação se dava por meio de forças destrutivas, embora fosse, ainda que indiretamente, um agente de práticas que a sua poesia parecia repelir. Sabe-se, por exemplo, que ocupou posto de relevo em agência financiadora de ações de ocupação da Amazônia. Há,

portanto, entre a construção do eu lírico e a constituição do eu social manifestos nos poemas uma ambiguidade profunda, um misto de consciência e alienação, em que lírico encanta-se pela natureza virgem e esplendorosa, ao mesmo tempo em que considera essa mesma natureza pouco explorada, como se a exploração, sinônimo de progresso durante séculos, não fosse a antípoda da vida natural que alguns dos seus poemas decidem cantar.

Sua obra se caracteriza pela linguagem simples e pelo tom afetivo carregado por vocábulos como *silêncio*, *lembrança*, *passado*, além de imagens da natureza e das cidades de Manaus, Belém do Pará e Porto Velho, que se constituem em alguns dos seus motivos poéticos. Trata-se de um lírico no sentido intimista dessa palavra; um poeta cuja cosmovisão se realiza pelo sentimento de um eu esvaziado, solitário e silente, como se pode ver em *O silêncio do rio* (CALIXTO, 1984, p 85). Nesse texto, o eu poético em projeção particularmente emotiva, imagina-se em diálogo com o vento, a quem pede notícias de um ente querido que o rio levava:

Mas os dias passam, lentos e vazios:  
eu pergunto ao vento  
que volta do rio...

[...] não sei por que  
ele não quer voltar.

O tom melancólico e emotivo das verdades interiores, apesar de dominante, não

suprime o valor conotativo do texto ou mesmo a busca por uma linguagem metafórica, ainda que essas metáforas sejam apanhadas da realidade e transpostas quase que de *forma in natura* para os versos, como no poema *Chuva*: “chove no mendigo/ de coração encharcado/ de mágoa” (CALIXTO, 1984, p.36). Outro recurso, mas no mesmo tom emotivo, são as personificações e o enlace entre o eu poético e a natureza:

Meu ontem  
[...]

Talvez este gosto de poeira antiga  
no meu corpo  
[...]  
na minha alma.

Talvez a cachoeira  
a brincar na curva do rio,  
um baile [...]  
que acontece pela tarde calma

(CALIXTO, 1984, p.67-9)

ou em tom mais agudo, às lágrimas da dor e das lembranças, que são, enfim, quase a mesma coisa e, não raro, marcados por notação negativa, como no poema *Queimada* (1984, p.51): “É a queimada/ o fogo/ que calcinara a mata derribada/ agora investe sobre o tabocal”, ou no soneto *A terra* (1984, p.48), em tom de revolta e denúncia:

Mas eis que um dia a motosserra canta  
e em canto ensandecido a voz levanta  
como se fossem cigarras infernais.  
Come o cerne cheiroso da emburana;

Apesar das mudanças de tema de poema a poema (sem uma sequência que permita o



aprofundamento de uma reflexão), o acervo de motivos é restrito, de modo que sua voz parece soar em tessitura única, monódica, diatônica. Se tomarmos o *leitmotiv* “rio”, por exemplo, que parece ter valor simbólico e expressa uma preocupação dominante, vamos encontrá-lo personificado, caracterizando uma situação ou frisando um estado de espírito. São assim os poemas *A Curva do Caminho* e *O Silêncio do Rio* (CALIXTO, 1984, p 84 e 94), entre outros, sempre em tons menores e sustentados, vibrando as notas da tristeza, do silêncio, da solidão. E nada ou quase nada se altera, se compararmos esses motivos líricos e a temática memorial presente em *Meu pai, seringueiro*, por exemplo: relembra, retorna às raízes, à relação com a terra, tudo sob o império da emoção.

O poeta canta o rio como recurso natural e também o rio conturbado da vida que se constrói e se esvai. Nesse ponto, parece tomar para si a culpabilidade pelas ações imperfeitas do colonizador, mas já incapaz de separar mundo natural e mundo transformado, como no poema *Chuva*: “A nuvem cobre o céu,/ [...] / como as asas de um pássaro enorme,/ [...] / e chove no asfalto/ e chove na mata próxima/ [...] / Apenas a rua/é uma porta aberta;// aberta para o nada/ para a distância e a solidão.” (CALIXTO, 1984 p. 36-37). Em outro texto, *Ponta Negra* (1984, p. 44), a natureza representada pelo rio se fagocita, como se reagisse, em ato regenerador, à sua essência efêmera. Nesse ponto, o eu lírico parece

colocar-se naquela “tentativa de captação, apreensão e resgate” da substância imaterial que caracteriza a poesia lírica (LYRA, 1986, p. 7) ao dizer, por exemplo, que a dor “injeta em nossos olhos/ uma dose de insônia/ e deles tira/ toda a beleza da manhã nascente” (CALIXTO, 1984, p. 34), confirmando uma possibilidade de interação entre homem e natureza. E, ao refletir sobre o meio em que vive, mesmo que deixe fluir uma visão romantizada do lugar de que se fala, a obra desse autor acaba por chamar a atenção para as questões amazônicas, reforçando a ideia de que a Amazônia, tida sempre como terra virgem e desconhecida, não é tão impenetrada no sentido que o ideal colonizador sempre procurou reforçar **113** para justificar e valorizar seus feitos. Pode-se dizer que é menos desconhecida do que desconsiderada.

A vida de José Calixto de Medeiros é típica de um antigo amazônida que se diria de estirpe. Filho de seringalista, nascido no Acre, aos 18 anos, acometido de doença grave, muda-se para Belém, onde permanece por alguns anos, até mudar-se para Manaus onde ingressa no serviço público municipal e, posteriormente, no serviço público federal. Pouco se sabe de oficial sobre a sua vida pessoal, profissional ou artística, razão porque foi necessário o uso de fontes alternativas - depoimentos, artigos de jornal, versos laudatórios - a fim de completar o seu perfil. Uma dessas fontes é a *Carta de 1998*, texto no qual Maria do Carmo de Medeiros

Rivero, sua irmã, assinala o que considera os momentos importantes da formação do escritor e do homem, acolhido em Belém, dado os contatos do pai seringalista, por personagens influentes no Pará, entre eles um certo Sr. Pinheiro e o médico Valdir Vicinalves. No Amazonas, não é diferente, sendo acolhido e orientado por Gilberto Mestrinho, então prefeito de Manaus. Mesmo contando com vias pessoais de acesso, pode-se inferir que um dado da realidade socioeconômica e política pode ter sido decisivo para a ascensão profissional e social de Calixto. Segundo Souza (2009), Manaus passa por uma fase de ebulição na década de 1950. A cidade “começa a inchar [...]”. Era o “Novo Amazonas”, com melhorias na infraestrutura de “criação de uma faculdade de filosofia”, além de um importante movimento cultural. (SOUZA, 2009, p. 150). É nesse contexto que José Calixto ingressa no Banco da Amazônia, onde ascende rapidamente, ocupando diversos cargos de relevo.

É esse homem, que, ao assumir a gerência do Banco da Amazônia, em Porto Velho, escolhe o Rio Madeira e a Cachoeira de Santo Antônio como refúgio da agitação do cargo público e espaço para a poesia, tendo registrado essas experiências em poemas como *Rio e Santo Antônio do Madeira*, em que, contemplativo, evoca o *Madeira* como “velho ermitão” de um “lugar antigo”, que, por sua vez,

protegeria sua cachoeira como se fora uma capela, um santuário:

[...]  
velho ermitão  
deste lugar antigo

[...]

Contemplo o teu silêncio  
e, ajoelhado,  
rezo

[...]

Trago uma flor nas mãos.

(CALIXTO, 1984, p.56-59)

A ligação com o Rio Madeira, com a cidade de Porto Velho, com a antiga Estrada de Ferro Madeira-Mamoré permeia o discurso do poeta e dá o tom do seu vínculo com a região. Há que se reconhecer uma tentativa de integração entre homem e espaço natural, uma forma, enfim, de pertencimento e, ao mesmo tempo, algo como uma culpabilidade mal digerida em sua consciência enquanto presencia as ações colonizadoras na Amazônia. A obra está longe de se situar como exemplo de renitência, mas como lembra Albert Memmi (1967, p.3) “a descolonização é um processo lento, difícil e doloroso, comparável à convalescença de uma longa e grave enfermidade”. E é assim que se sente um povo que emerge à ideia de que sua cultura é inferior.

Nesse caso, a emancipação pode-se dar, entre outras formas, por meio de uma prática contradiscursiva capaz de encarnar a valorização

de vozes condenadas ao silêncio e a consequente rejeição ao sentimento de pertencer a uma cultura “inferior”. O colonizado, segundo Fanon (1970, p. 172-193) é aquele que teve seu passado desfigurado. Por isso, o homem colonizado que escreve parece principiar sempre por uma expressão telúrica, regionalista, vasculhando o passado a fim de vislumbrar sua identidade no futuro. Talvez esteja aí, no aceite das incertezas, um dos pontos de acesso à obra de José Calixto de Medeiros e à compreensão historiográfica da literatura de Rondônia; ponto de onde se pode partir para assimilar a sua heterogeneidade.

## REFERÊNCIAS

- BADRA, Edson Jorge. **Literatura de Rondônia**, Porto Velho: Caderno cultural, 1987.
- BAENINGER, Rosana, Novos Espaços da Migração no Brasil: Anos 80 e 90. In: **Anais - Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2000. Disponível em <http://www.abep.org.br/?q=publicacoes/anais/anais-2000-migra%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 15/03/2015.
- BUENO, Eunice e MENDES, Matias. **Síntese da literatura de Rondônia**. Porto Velho: Gênese-Top, 1987.
- CALDAS, Alberto Lins. Picaretagem quase crítica. In: **O ESTADÃO**, Porto Velho, p. 04 - 04, 18 jun. 2000.
- \_\_\_\_\_. Ensaio de Ego-história. In: **Primeira Versão** (online). Vol. IX, ano II, nº144 - abril - Porto Velho, 2004. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br>. Acesso em 22/03/2018.
- DUARTE, Osvaldo. **Mapa cultural de Rondônia**. Disponível em: <http://mapaculturalro.com.br>. Acesso em: 14/06/2017.
- EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: Um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Pref. de Jean-Paul Sartre e Trad. de José Laurênio de Melo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970. 276 p. 115
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 8 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- JORNAL ALTO DO MADEIRA. Porto Velho: (ONLINE). Janeiro -1999. Disponível em: <http://altomadeira.com/> Acesso em 22/03/2018
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras, 2001.
- LYRA, Pedro. **Conceito de Poesia**. São Paulo: Ática, 1986.
- MEDEIROS, José Calixto de. **Lâminas de Silêncio**. Manaus: setor gráfico/UA, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Catedral do Tempo**. Manaus: Imprensa Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo no Rio**. Manaus: Gráfica Lorena Ltda.1993, 130p.

\_\_\_\_\_. Imagem e som. In: **Antologia da poética Rondoniense III**, 1988, p.77.

\_\_\_\_\_. **Oração do sol**. Manaus: Universidade do Amazonas, 1981, 152p.

\_\_\_\_\_. **Sentinelas da estrada**. Porto Velho: [s.n.], 1988, 88p.

\_\_\_\_\_. **Tatiana**. Manaus: Universidade do Amazonas, 1990.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador**. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Moura Coelho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOURA, Viriato. **Artes & Literatura – Vespasiano Ramos: últimos dias**. Disponível em:

<http://www.patrimonioslz.com.br/pagina1021.htm>. Acesso em: 07/08/2017.

NENEVÉ, Miguel. O olhar norte-americano sobre a Amazônia na década de 90: Uma análise de *The Burning Season* de A. Revkin e *The World is Burning* de A. Shoumatoff. In: NENEVÉ, Miguel. COOPER, Martin. Proença, Marilene. (Org.). **Olhares sobre a Amazônia. Looking at the Amazon**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

NENEVÉ, Miguel; Pansini, F. multiculturalismo e ensino de literatura In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. (Org.). **Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2008. p. 13-20.

PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. **Migrantes Amazônicos. Rondônia: a trajetória da ilusão**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

PINTO, Auxiliadora Santos do. **A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do Estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias nos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim-RO**. São Jose do Rio Preto: Unesp, 2016

PRATT, M Louise. **Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999 (ou outras edições – em inglês publicado pela Routledge em 1992).

RIVERO, Maria do Carmo Medeiros de. **116 [Carta]**. Porto Velho, [para] MEDEIROS, José Calixto de. 15 de outubro de 1998, 5f. Ao meu irmão José Calixto com saudades.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

SPIVAK, Gaiatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

## NOTAS

<sup>i</sup> Professor do Mestrado em Estudos Literários da UNIR e do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Campus Vilhena (UNIR); Líder do GP Mapa Cultural - Centro Interdisciplinar de Estudos em Cultura e Artes. E-mail: osvaldo.duarte@pq.cnpq.br.

<sup>ii</sup> Docente do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), Campus Vilhena.

MEMÓRIA, DESCOLONIZAÇÃO E ASSUNÇÃO DO SUJEITO AMAZÔNICO NA LITERATURA,  
OSVALDO COPERTINO DUARTE, LILIANE PEREIRA SOARES DO NASCIMENTO  
& MARIA HELENA MEDEIROS DO NASCIMENTO

---

<sup>iii</sup> Discente do Curso de Mestrado em Estudos Literários da UNIR.

Recebido em: 27/10/2017.

Aprovado em: 30/11/2017.

Publicado em: 30/01/2018.